

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DOCUMENTÁRIO FAZENDA DA ESPERANÇA

Orientanda
PATRICIA FASSA EVANGELISTA

Orientadora:
Prof. Dr. LORIZA LACERDA DE ALMEIDA

Banca examinadora:
Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho
Prof. Ms. Lilian Martins

Bauru
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DOCUMENTÁRIO FAZENDA DA ESPERANÇA

Patricia Fassa Evangelista
831621

Projeto Experimental apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Radialismo, ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", atendendo à resolução de número 02/84 do Conselho Federal de Educação.

Bauru
2012

Dedicatória

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todas as pessoas que acreditam num mundo melhor e a todas as pessoas que, nas pequenas coisas, conseguem transformar a realidade em que vivem.

Agradecimentos

Para a produção deste trabalho de conclusão de curso, passei mais de um ano perguntando, questionando e pedindo. Foram muitas as pessoas que me ajudaram de diversas formas, seja respondendo a um e-mail ou emprestando um equipamento. Sou muito grata a todos. Sem essas pequenas coisas não seria possível a realização deste produto final.

Obrigada a todos da Fazenda da Esperança que me acolheram desde o início e se colocaram à disposição para tudo o que eu precisei.

Obrigada à minha professora Adriana Nogueira que me orientou desde o início da produção do documentário e que me acompanhou em todas as etapas deste trabalho. Obrigada pela sua disposição e prontidão.

Agradeço de forma especial à minha família, que não mede esforços para me apoiar sempre de forma muito concreta e com um amor que eu sinto mesmo estando tão longe.

A todos deixo registrado aqui meu carinho e minha gratidão.

Sumário

1. Introdução.....	6
2. A Fazenda da Esperança.....	8
3. As drogas.....	12
4. Documentário.....	15
4.1 Roteiro em documentário.....	24
5. Diário de campo.....	25
6. Relatório de produção.....	27
6.1 Pré-produção	
6.1.1 A ideia.....	27
6.1.2 O cronograma.....	28
6.1.3 O roteiro.....	29
6.1.4 O orçamento.....	33
6.1.5 A produção executiva.....	34
6.2 Gravação	
6.2.1 Equipe.....	34
6.2.2 Entrevistas.....	35
6.2.3 Cena da Bicicleta.....	38
6.3 Pós-produção	
6.3.1 Montagem.....	39
6.3.2 A animação.....	41
6.3.3 Trilha sonora.....	42
7. Considerações Finais.....	44
8. Referências bibliográficas.....	46
9. Anexos.....	48

1. Introdução

Vivemos na cultura da informação. Somos o tempo todo estimulados por mensagens providas dos mais diversos meios de comunicação: vitrines, outdoors, rádio, televisão etc. Somos chamados a mudar de rotina e de hábito em prol de uma cultura que homogeneiza cada vez mais o comportamento.

O contexto atual exige de nós uma mobilidade adaptativa muito grande e isso nem sempre é fácil. O consumo se insere aqui como um recurso rápido para a insatisfação do ser humano. Nesse sentido o uso das drogas pode ser atraente e se apresenta como resposta fácil e certa para todo o vazio, insatisfação e anseios de muitas pessoas.

Entretanto, o vício na droga pode tomar conta de um indivíduo de uma tal forma que o faz buscar sempre mais. Isso acaba gerando alguns problemas para a sociedade como um todo.

Além de prejudicar a própria pessoa, no seu convívio pessoal, social e profissional, a droga pode gerar graves problemas como o tráfico *e a violência. Esses efeitos negativos causados pela dependência da droga afetam a estabilidade das estruturas e ameaçam valores humanos e culturais da sociedade. Isso contribui, por exemplo, para o aumento dos índices de acidentes de trabalho, de trânsito, da violência urbana e de mortes prematuras. Além de gerar um crescimento dos gastos públicos com tratamentos médicos e hospitalares.

Apesar de tudo isso, somos o tempo todo estimulados pela mídia com propagandas, novelas e filmes voltados principalmente para o público jovem, que associam à imagem do álcool uma sensação de liberdade, poder e felicidade.

Há portanto um verdadeiro paradoxo: a mesma sociedade que proíbe o consumo de drogas e exclui o sujeito dominado pelos seus efeitos, é a mesma que estimula o seu consumo segundo critérios bastante contraditórios.

Diante dessa realidade não é possível ignorar esse problema latente que muitas vezes é mascarado pela ilusão de liberdade que a droga provoca, principalmente nos jovens.

Por esse motivo, é importante discutir o problema que as drogas podem causar e tentar encontrar alternativas para suas consequências.

Dessa maneira busco apresentar a “Fazenda da Esperança” não como a solução para todos os problemas da sociedade, mas apenas como uma das alternativas possíveis e viáveis para a recuperação de pessoas afetadas pela dependência química.

Por outro lado, procuro encontrar na comunicação um meio para contribuir de alguma forma com a sociedade. O meu objetivo é usar a comunicação e suas ferramentas como forma de transmitir novos olhares, novas propostas de vida que muitas vezes se esconde por trás do olhar onipotente da grande mídia.

O gênero documentário, nesse sentido, é uma ferramenta muito importante. Com ele é possível formar pessoas, transmitir informações e apresentar realidades de forma muito criativa e atraente. Por esse motivo, o documentário foi a minha escolha para a apresentação do trabalho realizado na “Fazenda da Esperança”.

O material consiste na apresentação da instituição “Fazenda da Esperança”, que foi o meu objeto de estudo para a produção de um média-metragem de 25 minutos. Num segundo momento, farei uma breve introdução à temática drogas e abordarei parte das teorias concernentes ao gênero documentário. Por fim, farei um relato da minha experiência como realizadora de um produto audiovisual documental, bem como da minha vivência dentro da “Fazenda da Esperança”.

2. A Fazenda da Esperança

A Fazenda da Esperança é um centro de recuperação de dependentes químicos idealizado em 1983 por Nelson Rosendo.

A recuperação dos toxicodependentes¹ é desenvolvida sem o uso de recursos medicinais, no entanto, cada jovem deve adaptar-se ao modo de vida proposto pela entidade. Segundo seus fundadores, a filosofia da Fazenda da Esperança se baseia em três pontos fundamentais: trabalho, vida comunitária e espiritualidade.

O trabalho é um meio para o autossustento de cada jovem que entra na Fazenda. Desenvolvendo os mais diversos serviços, desde cultivar a plantação até confeccionar produtos artesanais, o jovem faz uma experiência de viver com dignidade e enxergar o mundo além de si mesmo e de seus problemas. Segundo os fundadores da Fazenda, esse fator é fundamental para a recuperação do jovem toxicodependente.

A vida em comunidade é usada como meio para estimular o relacionamento entre os recuperandos² e seus responsáveis. Dentro desse ambiente eles devem colocar em prática uma regra básica: “fazer aos outros o que gostariam que fosse feito a si e não fazer aos outros o que não gostariam que fosse feito a si mesmo.” Essa regra é estabelecida, segundo seus fundadores, para ajudá-los a construir relacionamentos verdadeiros entre eles dentro da Fazenda e depois quando saem para suas realidades particulares.

O terceiro aspecto que auxilia no trabalho da entidade é a espiritualidade. As missas e meditações auxiliam na metodologia de recuperação. No entanto, a “Fazenda da Esperança” é aberta a pessoas com todo tipo de crença. Apesar de se fundamentar em valores cristãos, a Fazenda acolhe pessoas de todo tipo de crenças religiosas e mesmo pessoas sem crença alguma. A espiritualidade é colocada em evidência para que o jovem possa suprir o vazio provocado, entre outros fatores, pela abstinência.

A Fazenda da Esperança possui hoje mais de 80 unidades espalhadas por todo o mundo. Cada fazenda é dividida em centros de recuperação – um masculino e

¹ Termo científico que se refere ao estado de dependência a uma substância psicoativa.

² Termo utilizado dentro da comunidade e que se refere aos jovens que estão em processo de recuperação

um feminino. Todas as unidades da “Fazenda da Esperança” têm um caráter de autossustentabilidade, ou seja, cada unidade vive do próprio trabalho para sua manutenção. Por exemplo, em Guaratinguetá, no centro masculino se trabalha com uma fábrica de reciclagem de plástico, uma fábrica de água sanitária, um centro de marcenaria, artesanato, horta e criação de galinhas. Já a unidade feminina se dedica a uma fábrica de alimentos congelados chamada *Freezing Point*, trabalhos artesanais e um restaurante na cidade.

Outro aspecto importante dessas comunidades é o seu caráter rural. Geralmente todos os centros de recuperação são afastados dos grandes centros urbanos, proporcionando um contato com a natureza e suas vegetações preservadas, animais e hortas.

Figura 1 – Representação espacial da distribuição das unidades da Fazenda da Esperança no Brasil e no exterior



FONTE: Agenda da Fazenda da Esperança(2011)

A história da Fazenda da Esperança surgiu a partir de uma amizade de Frei Hans Stapel, frade franciscano, e Nelson Giovanelli Rosendo dos Santos, um jovem de 18 anos, na paróquia “Nossa Senhora da Glória”. Nessa igreja Frei Hans liderava um grupo de jovens que se reuniam para meditar o evangelho e trocar experiências sobre como conseguiram colocar em prática o que haviam meditado.

Assim, Nelson, um jovem muito idealista, busca viver de forma radical cada palavra que lia no evangelho. Realiza, então, várias experiências de ajuda aos pobres e doentes, até que passa a reparar num grupo de jovens que usava e traficava drogas em uma esquina próxima à sua casa.

Resolve então aproximar-se deles e acaba surgindo uma amizade muito grande entre Nelson e os jovens da esquina. Nelson se destacava no grupo por ser um jovem diferente, que não precisava das drogas para ser feliz e se divertir. Isso era notório entre os jovens da esquina que o apelidaram de “Maninho”. Ele procurou colocar em prática ali tudo o que havia aprendido na paróquia com Frei Hans. Depois de várias experiências e de estabelecida uma relação muito profunda de confiança, um dos jovens, Antônio, resolve pedir ajuda para Nelson, pois queria se livrar do vício das drogas. Passa então a conviver mais frequentemente com “Maninho” e a realizar as atividades na paróquia com ele. Aos poucos, os outros amigos da esquina foram percebendo a mudança de Antônio e resolvem também deixar as drogas.

Após algum tempo, Nelson e os amigos da esquina resolvem alugar uma casa na cidade para viverem juntos e se ajudarem a largar o vício das drogas. Aos poucos Nelson e Frei Hans foram percebendo como deviam lidar com os jovens e foram estabelecendo regras que deveriam ser seguidas para que se tivesse maior sucesso na recuperação.

Assim nasceu a “Fazenda da Esperança”. Os jovens queriam não só se libertar do vício das drogas, mas encontrar um novo sentido para a vida. Com a ajuda e doação de muitas pessoas, a entidade logo ganhou uma sede e se expandiu ao longo dos anos. Hoje a “Fazenda da Esperança” está espalhada por todo o Brasil e por vários países do mundo como Argentina, México, Alemanha, Moçambique, Rússia e Filipinas.

3. As drogas

“Conforme Delay e Deniker, psicotrópicos são *substâncias químicas, naturais ou sintéticas, que possuem um tropismo psicológico, isto é, são capazes de modificar de vários modos a atividade mental, ora excitando-a, ora deprimindo-a, ora ainda provocando uma ação perturbadora do psiquismo.” (SHMIDT; Ivan, 1979, p. 41)

São esses efeitos que as pessoas buscam nas drogas. Uma fuga para seus problemas ou um prazer momentâneo que não encontram em outro lugar. Há ainda a pessoa que apenas por curiosidade pode vir a experimentar e acaba tornando-se uma dependente química.

O farmacodependente é a pessoa dependente de drogas psicotrópicas. Elas agem no sistema nervoso central produzindo alterações de comportamento, humor e cognição.

Do mesmo jeito que as drogas psicotrópicas proporcionam uma euforia, elas são substâncias que têm a capacidade de atuar sobre o cérebro e seus efeitos negativos vão muito mais além da pessoa que as consome.

Segundo uma pesquisa feita pela Universidade Federal de São Paulo – Levantamento nacional sobre o uso do álcool, tabaco e outras drogas entre universitários – quase 49% dos universitários já experimentaram alguma droga ilícita alguma vez na vida. Essa pesquisa também afirma que o consumo de álcool, tabaco e outras drogas entre eles é mais frequente que na população em geral.

Estimativas ainda revelam que os usuários de drogas psicoativas são os maiores responsáveis pelos problemas de saúde e de ordem pública da sociedade. (UNODC, 2009)³

Por outro lado, o álcool – droga lícita - é a causa de 3,8% das mortes e 4,6% dos casos de doença em todo o mundo. Ele é ainda apontado como causador de mais de 60 tipos de doenças. (Anderson et al., 2009; Rehm et al., 2009).

³ UNODC- Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes.

Seus efeitos de morbimortalidade têm se estendido para além das consequências de saúde de quem bebe, gerando um amplo conjunto de custos sociais atribuídos aos altos níveis de violência interpessoal, homicídios, comportamento sexual de risco, uso inconsistente de preservativos, aumento da incidência de doenças *infectocontagiosas e acidentes com veículos automotores, resultando em uma perda significativa dos Anos Potenciais de Vida. (UNODC, 2007; Rehm et al., 2009).

Partindo para outra pesquisa, no V Levantamento Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental, desenvolvido pelo CEBRID⁴, observamos que o primeiro contato com as drogas acontece em média na faixa dos 12 anos e por meio do álcool e do tabaco.

O álcool é apontado aqui como a principal droga lícita utilizada entre os adolescentes e jovens e o seu uso contínuo está associado também a um mau relacionamento com os pais.

Ainda segundo a pesquisa, 6,3% de usuários afirmaram ter se envolvido em brigas após o uso de drogas e 52% dos casos de violência doméstica têm como agressor um alcoolista.

É portanto imprescindível a ação do governo e da sociedade civil para a resolução desse problema. Seguem abaixo alguns tipos de drogas e seus efeitos sobre o nosso organismo:

- **Solventes ou inalantes**

O solvente é uma substância capaz de dissolver várias coisas e é geralmente altamente volátil. Inalante é toda a substância que pode ser inalada, isto é, introduzida no organismo por meio da aspiração pela boca ou nariz.

Outra característica dos solventes ou inalantes é que muitos deles são inflamáveis. Exemplos: esmalte, colas, tintas, thinners, propelentes, gasolina, removedores, vernizes etc.

O início dos efeitos após a aspiração é bem rápido – de segundos a minutos no máximo – e de 15 a 40 minutos desaparecem. O usuário repete esse processo para que as sensações durem mais.

⁴ Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas

Na primeira fase a pessoa fica eufórica, aparentemente excitada, ocorrendo tonturas e perturbações auditivas e visuais. Podem também aparecer náuseas, espirros, tosse, muita salivação e as faces podem ficar avermelhadas. Após esses efeitos começa a fase da depressão e desorientação que vai se intensificando cada vez mais fazendo o indivíduo perder a consciência. A inalação dos solventes leva também à destruição de neurônios causando lesões irreversíveis no cérebro.

- **Maconha**

É o nome dado no Brasil à planta chamada cientificamente de *Cannabis sativa*. Os efeitos que a maconha produz sobre o homem são físicos e psíquicos.

Os olhos ficam avermelhados a boca fica seca e o coração dispara, podendo chegar a 120-140 batimentos cardíacos por minuto: é a chamada taquicardia. Os efeitos psicotrópicos dependem do tipo de maconha utilizada e da sensibilidade orgânica de quem a usa. Para algumas pessoas os efeitos são uma sensação de bem-estar acompanhada de calma e relaxamento, ausência de fadiga, vontade de rir. Em outras pessoas, a maconha pode causar angústia, temor, tremor e sudorese. Há ainda evidente perturbação na capacidade de calcular o tempo e o espaço e um déficit acentuado de atenção.

Com o uso o contínuo, vários órgãos do corpo são afetados, principalmente pulmões e cérebro.

- **Cocaína**

Droga estimulante do sistema nervoso central, uma das mais consumidas, no Brasil. A cocaína é introduzida no corpo de três formas: nasal (aspirada), endovenosa (injetada) e pulmonar (fumada).

Principais sintomas: excitação, aumento da atividade, agressividade, ideias delirantes com paranoia, palidez acentuada, dilatação da pupila, emagrecimento e congestão nasal.

A substância provoca uma sensação de euforia e bem-estar, ideias de grandiosidade, irritabilidade, aumento da atenção para estímulos externos, prejuízo

na capacidade de avaliação e julgamento. O usuário passa a falar e a mover-se com maior rapidez e não sente sono, fome ou fadiga. Com o aumento da dose podem ocorrer reações de pânico, paranoia, alucinações auditivas e táteis (escutar vozes, sensações de insetos andando pelo corpo).

- **Crack**

O crack deriva da planta da coca e é resultante da mistura de cocaína, bicarbonato de sódio ou amônia e água destilada, resultando em grãos que são fumados em cachimbos.

O consumo do crack é maior que o da cocaína, pois é mais barato e seus efeitos duram menos. Por ser estimulante, ocasiona dependência física e, posteriormente, a morte por sua terrível ação sobre o sistema nervoso central e cardíaco.

Devido à sua ação sobre o sistema nervoso central, o crack gera aceleração dos batimentos cardíacos, aumento da pressão arterial, dilatação das pupilas, suor intenso, tremores, excitação, maior aptidão física e mental. Os efeitos psicológicos são euforia, sensação de poder e aumento da autoestima. A dependência se constitui em pouco tempo no organismo. Se inalado junto com o álcool, o crack aumenta o ritmo cardíaco e a pressão arterial o que pode levar a resultados letais.

4. Documentário

Pensamento íntegro (a tão propalada ética ainda é – e sempre será - a tônica) e senso de linguagem podem constituir um binômio fundamental à arte do documentário. Nessa medida, criar não é forjar situações necessárias aos desejos frívolos de quem está, por propósitos outros, por detrás das câmeras. O olho-câmera (o diretor é, antes de tudo, um ser sequioso por informações) não pode guiar, mas sugerir percursos de leitura ao *espectador, a montagem não deve amordaçar o objeto em foco, mas amplificar os sentidos/cores de imagens e sons, fazendo-os ressoar no ouvir-ver do leitor-cooperador da obra. (PRAZERES, Armando, 2005)

O documentário é um gênero cinematográfico que, como linguagem, pode se aproximar das tradicionais reportagens jornalísticas (há uma estilística bem diversa nos modos de fazer), as quais pretendem passar ao espectador algo que acontece ou aconteceu no mundo. Segundo Bill Nichols, “A tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade...” (NICHOLS, Bill. 2008, p.20). Essa autenticidade se dá a partir da noção do espectador de estar consumindo um produto não ficcional. O fato de se acreditar que o que se vê na tela é algo real contribui muito para a caracterização de um documentário como tal.

Segundo César Guimarães (2006, p.56): “Estamos perante um estímulo sensorial, ou seja, uma aposta na excitação dos nossos sentidos que são por natureza, passivos; pelo contrário, o documentário sempre se posicionou como um gênero em que o essencial é estimular uma reflexão sobre o nosso mundo.”

De acordo com a classificação de Bill Nichols, podemos agrupar e classificar o gênero documentário de acordo com algumas características com que se constrói o discurso. São os modos do documentário:

O modo poético enfatiza o modo de se agrupar as informações, as imagens e os personagens. O mundo histórico é utilizado como plano de fundo, mas fragmenta essa realidade e a transforma em uma matéria-prima. Constrói-se um estado de espírito mais do que se explica ou descreve uma ação. Anos 20.

O modo expositivo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura argumentativa e retórica. Usa-se muito a voz de Deus ou a voz da autoridade. No documentário expositivo pretende-se informar e auxiliar na interpretação de um determinado fato. Dessa forma, a montagem serve para manter uma coerência e continuidade para o argumento. Anos 20.

O modo observativo é uma observação espontânea da realidade vivida. Olha-se para dentro de uma realidade no momento em que ela está acontecendo. O movimento neorrealista exerce uma grande influência sobre esse tipo de documentário. O cineasta se faz invisível nesse tipo de produto, ele é comparado por Nichols com uma “mosquinha pousada na parede”, no entanto, aqui entra a discussão das consequências da presença de uma câmera na realidade filmada. Anos 60.

Já no modo participativo o cineasta vai a campo para viver a realidade dos participantes. Ele vira um ator social, pois está ali interagindo com seu tema. Aqui não é necessária a *voz over*, nem a câmera escondida. Esse modo de filmar é o que Rouch e Morin denominaram “cinema-verdade”. As entrevistas são uma forma de o cineasta interagir diretamente com as pessoas que aparecem no filme em vez da utilização da *voz over*. Entrevistas e imagens de arquivo nos dão a sensação de testemunhar um engajamento, interação e encontro com a emoção do cineasta com os atores sociais, que nos aproximam do documentário. Anos 60.

No modo reflexivo o foco da atenção são os processos de negociação entre cineasta e espectador. Questiona-se a impressão de acesso desimpedido à realidade para refletir sobre o processo pelo qual essa impressão é construída por meio da montagem. Anos 80.

“O documentário reflexivo estimula no espectador uma forma mais elevada de consciência a respeito da sua relação com o documentário e aquilo que ele representa.” (NICHOLS, Bill, 2008,p.166)

Por último, no modo performático, enfatizam-se os aspectos subjetivos de um discurso classicamente objetivo. Segundo Bill Nichols, a perda de ênfase na objetividade pode relegar esses filmes à vanguarda e ao uso excessivo de estilo. Anos 80.

Já de acordo com o livro “Mas... Afinal o que é mesmo um documentário?”, de Fernão Pessoa Ramos, desde os anos 1930-1940, o documentário clássico com a famosa *voz-over*⁵ revela o caráter da linguagem do cinema verdade/direto que busca fazer asserções sobre o mundo.

A partir dos anos 60, o sujeito-câmera começa a se revelar. Trabalha-se muito em primeira pessoa, o eu agora tem sua voz e pode fazer asserções sobre sua própria vida.

Finalmente, no documentário contemporâneo todas essas vozes se misturam: voz over, entrevistas, depoimentos, arquivos; e ainda contam com o apoio dos meios digitais que contribuem para a estruturação do material.

⁵ Também conhecido como fora de câmera - técnica de produção em que não se revela a imagem de quem faz o discurso.

No Brasil, no período anterior a 1960, o documentário era realizado como forma de mostrar as belezas naturais do país, o exótico e o seu povo. Era quase como uma promoção do país no exterior. Exemplo disso são as produções sobre a Amazônia realizadas por Silvino Santos no período entre 1920 e 1935. A partir de 1960, tomando embalo com o cinema novo, vem à tona a preocupação com as questões sociais do país e esse tema se torna recorrente nos documentários brasileiros. São abordadas questões regionais, de valorização do interior, da cultura e da religiosidade popular. Desse modo, o documentário toma forma como linguagem verdade/direta e se distancia da sua fase inicial cuja abordagem era científica e educacional.

Devido à conjuntura política no período em que o cinema documental aflora no Brasil, muitas produções foram interrompidas ou suas exibições foram vetadas pelo regime militar. Filmes como “Cabra marcado para morrer”, de Eduardo Coutinho, que foi concluído 20 anos depois e “Liberdade de Imprensa” de João Batista de Andrade, são exemplos da perseguição sofrida pelos diretores nessa época.

Paralelamente a isso, a TV, no final dos anos 60, se consolidava como importante meio de massa no país. Surgem experiências de jornalismo investigativo que mais tarde dariam origem ao “Globo Repórter”. O programa surgiu como o meio de produção de grandes reportagens e acabou por consolidar grandes diretores brasileiros como Eduardo Coutinho, Maurice Capovilla e Walter Lima Júnior. A produção exibia séries de minidocumentários produzidos por cineastas que procuravam revelar e focalizar muitos aspectos da realidade brasileira. Hoje em dia são considerados verdadeiros clássicos de documentários nacionais devido à sua grande qualidade técnica e de conteúdo.

Segundo Ramos (2008, p.90) existe na linguagem documental uma tendência de revelar questões éticas e políticas que dizem respeito ao outro. É sempre uma classe média falando para ela mesma do outro povo, popular. Mistura-se nesse contexto um sentimento de piedade e preocupação com a realidade do outro. Apesar do documentarista fazer parte do mesmo mundo desse outro povo popular, ele ainda é muito distante e estranho à sua classe. Por isso é perceptível a exploração que se faz das misérias e sofrimentos desse outro popular. A linguagem e as imagens são exploradas de uma forma muito mais intensa e chocante quando

se trata da representação daqueles estranhos ao autor do que quando se trata de um outro pertencente à sua mesma classe. Desse modo essa distância provoca uma artificialidade na representação desse outro mundo de linguagem, modos e costumes.

Como já descrevemos, desde os anos 1960, o popular é uma constante como tema de produtos documentais no Brasil. É possível perceber o caráter acentuado de denúncia nos documentários brasileiros. Aqui a crítica social de desigualdade, injustiça, miséria e fome é explorada das mais diversas e criativas formas. Pode-se dizer que em alguns casos essa exploração é exacerbada e apelativa, revelando imagens que buscam chocar o telespectador.

Da mesma maneira, a partir de 1990, percebe-se que o popular passou a ser representado vinculado à criminalização. Iniciou-se assim uma onda de preocupação com a violência urbana no Brasil, produzindo-se muitos documentários com essa temática de pano de fundo.

Portanto é notória a tradição documentária nacional. É um meio de denúncia social e é a forma que muitos cineastas encontram para falar e mostrar questões críticas da sociedade. Ao mesmo tempo é um meio de dar voz às camadas mais pobres e marginalizadas.

Entretanto, existem muitos questionamentos em relação a essas produções. Não seriam elas, mais do que denúncia, uma forma de exploração da miséria alheia? Quais as normas éticas que regem os documentários? Como as imagens-câmera são tomadas pelo diretor e dialogam com o espectador?

A definição do campo do documentário deve extrapolar o horizonte do eticamente correto, aprofundando e valorando sua dimensão histórica. Ao distanciarmos a definição de documentário do campo monolítico da verdade, criamos um espaço onde podemos discutir a distância de nossa crença em relação à voz que enuncia asserções sobre o mundo, sem que tenhamos necessariamente de questionar o estatuto documentário do discurso narrativo. (RAMOS, Fernão, p. 34)

Portanto, em se tratando desse documentário com caráter mais crítico e social, podemos afirmar que, como linguagem, o documentário estabelece uma

relação de verdade com o mundo. Eles são uma representação social, ou seja, representam uma parte de uma realidade na qual estamos ou não inseridos.

Em relação ao formato, não existem regras pré-estabelecidas. Há uma liberdade bem grande para se criar com as inúmeras ferramentas das quais se valem, também, os produtos audiovisuais ficcionais. Constantemente novas abordagens e estilos são testados.

Muito além de algumas características tradicionalmente relacionadas ao documentário como: locução (*voz over*); entrevistas e/ou depoimentos; imagens de arquivo; câmera na mão; imagem tremida; improvisação e roteiros abertos e semiabertos, a linguagem documental pode se valer de diversos recursos para a construção de seu discurso, pois o limite entre a ficção e a não ficção vem se estreitando cada vez mais. A animação, por exemplo, passou a ser utilizada por diversos documentaristas como recurso expressivo para representar uma realidade, muito embora nem todos os críticos e teóricos creditem tal recurso como passível no campo do documentário.

Portanto, a classificação de um produto documentário deve se basear no objetivo de sua produção. Desse modo, a voz no documentário contribui para a delimitação de seu estilo, pois ela molda a representação do mundo de acordo com um ponto de vista específico. Ela tem a função de defender uma causa, apresentar um argumento, ou de persuadir. A voz, na medida em que representa a forma como se apresenta ou se constrói a narrativa, está ligada ao estilo.

“No documentário, o estilo deriva principalmente da tentativa do diretor de traduzir seu ponto de vista sobre o mundo histórico em termos visuais, e também de seu envolvimento direto no tema do filme. Ou seja, o estilo da ficção transmite um mundo imaginário e distinto, ao passo que o estilo ou a voz do documentário revelam uma forma distinta de envolvimento no mundo histórico.” (NICHOLS, Bill, 2008, p.74)

Ela fala, portanto, por meio de todos os recursos técnicos disponíveis para o criador: os cortes na edição, os planos na captação das imagens, o som direto ou dublado, usar ou não fotografias de arquivo etc.

Visto que há a interferência do autor na construção do sentido de uma determinada realidade, mesmo que de forma indireta, as informações no documentário não estão totalmente esgotadas. A partir de uma representação relatada na peça audiovisual, há sempre uma brecha para a reflexão posterior da mensagem. Desse modo, é possível deferir que um produto documentário nunca está totalmente pronto, há sempre espaço para novas interpretações e releituras. O produto, portanto, é construído não só com o autor e a equipe de produção, mas também com o espectador que, ciente da linguagem a ser explorada, é capaz de construir e reconstruir os sentidos.

Ainda segundo Ramos (2008, p. 33), no documentário é possível distinguir quatro grandes conjuntos de valores éticos. Essa divisão nos ajuda a compreender melhor de que forma o autor faz o seu discurso, de quais ferramentas ele se apropria e como essa apropriação influencia na mensagem final do documentário. São elas:

- 1) A ética educativa
- 2) A ética imparcial/recuo
- 3) A ética interativa/reflexiva
- 4) A ética modesta

A ética educativa foi predominante nos anos 1920 e 1930. Os documentários desse período eram usados pelo governo para promover os valores estatais e colaborar com a educação no Brasil. Havia um predomínio de características do documentário clássico como voz over e encenação em cenários ou locação. O conjunto de valores presente nessa ética eram as asserções feitas no documentário.

Se sou de esquerda e veiculo valores socialistas no meu documentário, estou cumprindo adequadamente com minha função social divulgando esses valores; se sou cristão e enuncio mensagens de amor ao próximo e abnegação, também posso considerar a função social de meu filme realizada; se trabalho para o Ministério da Educação e veiculo em meu documentário mensagens sobre como construir fossas secas ou preservar alimentos em conserva, também estou cumprindo eticamente

a missão educativa que se espera do documentário. (RAMOS, Fernão, p. 35)

Na ética imparcial/recuo inicia-se a preocupação com o sujeito-câmera que, mesmo indiretamente, fala com o espectador. Surgida a partir dos anos 1950, os valores dessa ética têm como objetivo a imparcialidade e questiona-se a posição do enunciador na narrativa. A posição de recuo, obtida entre outros fatores com a fala no mundo e o som ambiente, é usada para que o espectador tenha uma maior liberdade e responsabilidade para construir o seu sentido, com a sua visão a partir de um documentário.

Já a ética interativa/reflexiva questiona a imparcialidade pretendida e sustenta que a interação ativa do sujeito da câmera com o mundo e o espectador é inevitável. O conjunto de valores se concentra na construção do enunciado, no como fazer um discurso, como passar determinada mensagem. Dessa forma, abre-se a possibilidade para a intervenção direta do autor no documentário, seja por meio das entrevistas ou mesmo da montagem do filme. A ética interativa vê positivamente a intervenção ativa do sujeito da câmera com o mundo bem como as articulações metalinguísticas que surgem nessa época: aparição dos equipamentos de câmera e som no filme.

A ética modesta surge como fruto do pós-modernismo e questiona todos os valores descritos até agora. O sujeito modesto nada sabe sobre o mundo, e por isso não se propõe a fazer asserções. Desse modo ele restringe o campo discursivo até chegar nele mesmo. O sujeito modesto sabe apenas sobre si mesmo e é disso que se constituirão os documentários. Na ética modesta, portanto, o sujeito-câmera fala sobre si mesmo e posteriormente da sua condição no mundo em que vive. Ele se satisfaz com os seus discursos restritos, não pretendendo análises mais profundas e reflexivas da sociedade contemporânea, por exemplo.

A partir da classificação das quatro éticas, é possível entender outro aspecto da linguagem documental: a encenação. A encenação é um procedimento muito comum nos filmes documentários. Questiona-se até que ponto a presença da câmera transforma um depoimento em encenação. É preciso entender a modificação que a câmera causa nos discursos. Para isso Fernão Pessoa Ramos distingue três tipos de encenação listadas a seguir:

- Encenação-construída
- Encenação-locação
- Encenação-atitude

A encenação construída revela o espaço fora de campo da câmera e se constrói uma heterogeneidade entre o espaço de encenação e o espaço das circunstâncias cotidianas. Apropria-se de cenários ou locações e desenvolvem-se atitudes explicitamente para a câmera. Desse modo é possível chegar a uma estética e técnica à altura das grandes produções.

Essa classificação está muito presente no documentário contemporâneo, com o documentário cabo⁶. Grandes produções da BBC, em documentários sobre fatos históricos no History Channel ou sobre a vida animal no Animal Planet fazem asserções sobre o mundo usando roteiro prévio, ensaios e encenações. Utilizam a voz over, mas não como nos documentários clássicos, ela é produzida por múltiplas vozes: entrevistas, depoimentos, material de arquivo etc.

Desse modo, grandes produções que revelam uma realidade do mundo, seja ela histórica ou natural, necessitam de recursos de estúdio para serem produzidas. Hoje é muito comum também o uso de recursos digitais para o tratamento de imagens e efeitos que, somados, conferem a qualidade técnica e estilística para esses documentários.

Na encenação-locação exploram-se os limites da encenação e do mundo em seu cotidiano. Aqui o diretor pede a encenação de um personagem real no lugar original de um determinado acontecimento para que um tempo já passado possa ser capturado pela câmera. Essa encenação distingue-se da encenação-construída, pois o sujeito encena na circunstância de mundo onde vive a vida.

No documentário “Nanook”⁷, por exemplo, as tomadas baseiam-se na encenação de um esquimó que reconstitui suas ações para a câmera. Como diz Fernão Pessoa Ramos, (2008, p. 44), “a encenação-tomada envolve a experiência

⁶ Termo utilizado por Fernão Pessoa Ramos

⁷ De Robert Flaherty, 1922.

do mundo da tomada pelo sujeito da câmera, na circunstância intensa de sua presença.”

Filmes de ficção também fazem uso desse recurso, no entanto, os documentários se diferem deles pelo caráter assertivo de sua enunciação e pela maneira como é recebido pelo espectador.

Na encenação-atitude ou encen-ação estudam-se os vários efeitos da presença da câmera e sua apropriação pelo sujeito. Nessa classificação, as atitudes dos personagens são as corriqueiras de seu cotidiano. Não há a divisão do espaço cênico e do espaço real, aqui o espaço é totalmente homogêneo. De acordo com os valores éticos desse tipo de documentário não é possível que o diretor peça ao sujeito para refazer uma determinada ação. Aqui, o sujeito câmera registra as ações dos personagens em seu tempo e espaço.

Podem ocorrer inflexões na fala do personagem causadas pela presença da câmera, no entanto, esses pequenos constrangimentos não podem ser classificados como encenação no sentido mais conhecido da palavra. Na verdade, todos nós encenamos o tempo todo de acordo com as circunstâncias e das pessoas à nossa volta. Do mesmo modo ocorre a encenação nesse tipo de documentário. Não é uma encenação como nos filmes de ficção em que se tem um roteiro prévio e vários ensaios para se chegar na entonação correta pretendida pelo diretor. Aqui a encenação é encen-ação, ou seja, comportamentos cotidianos flexionados por expressões e atitudes causadas pela presença da câmera.

4.1 O roteiro para documentário

O roteiro é uma ferramenta para dar forma à uma ideia, a materialização de todo um processo criativo e de imersão, e também é um recurso muito importante para o planejamento de uma produção, a fim de reduzir custos e otimizar tempo.

No documentário, o controle do universo de representação não está totalmente seguro, como nos filmes de ficção. Esse controle é uma aquisição gradual. O processo de criação de um filme documentário é marcado por uma perspectiva daquilo que está por vir, por isso, quando se fala em roteiro documentário deve-se

ter em mente que ele é aberto ou semiaberto. Isso significa que ele se molda de acordo com as circunstâncias.

A partir do momento em que se define o tema sobre o qual se falará ou a proposta em si, o roteiro começa a ser criado. Assim, as escolhas dos entrevistados, o lugar representado e todas as outras definições técnicas vão fazendo parte da delimitação do roteiro.

“É comum, em documentário, a análise do projeto considerar apenas uma proposta de filme ou um argumento como peça de apresentação. Dentro das etapas de roteirização, a escrita de um argumento seria o momento anterior à escrita do roteiro, uma apresentação menos detalhada do filme no papel.” (PUCINI, Sérgio, 2012, p.16)

O argumento é, portanto, um recurso muito utilizado por cineastas no desenvolvimento de documentários. No argumento é possível visualizar a temática do filme, a ideia principal da abordagem que se fará, bem como as pessoas que serão entrevistadas.

O *Doc TV*⁸ desenvolveu um formato para a criação de argumentos para documentário. Ele tem como itens, por exemplo, a visão original, a proposta do documentário, a eleição e descrição dos objetos, sugestão de abertura *etc. O argumento do documentário “Preto contra o Branco”⁹, inclusive, foi usado como base para o desenvolvimento do argumento e do roteiro do documentário “Fazenda da Esperança”.

5. O diário de campo

Muito antes de pensar em fazer o documentário sobre a Fazenda da Esperança, eu já conhecia o trabalho desenvolvido e admirava a história que desencadeou o surgimento desse centro de recuperação de toxicodependentes.

Além disso eu já conhecia os fundadores da Fazenda e já tinha tido alguma vivência dentro do centro, pois meus pais trabalhavam como voluntários ali dentro e

⁸ Programa de Fomento à Produção e Teledifusão do Documentário Brasileiro.

⁹ Documentário de Wagner Morales.

eu já havia trabalhado por um tempo na produtora pertencente à “Fazenda da Esperança”. Todos esses fatores me ajudaram a me aproximar ainda mais da comunidade para desenvolver um trabalho como este.

A princípio queria viver um tempo com as meninas que estavam se recuperando na Fazenda, mas isso não foi viável para mim. Assim, depois de realizadas algumas pesquisas em livros, vídeos e sites da internet sobre a “Fazenda da Esperança”, comecei a frequentar com mais assiduidade os centros de recuperação de Guaratinguetá.

Fui conhecendo a rotina de vida dos recuperandos, conheci suas casas, o ambiente em que vivem e como trabalham. Pude também conhecer e conversar pessoalmente com algumas pessoas que acabaram de passar pelo processo de recuperação.

Queria entender qual o principal fator na recuperação dos jovens dependentes na Fazenda. Conversando com várias pessoas que conseguiram se recuperar, notei que todas elas me contaram histórias fortes de uma vida marcada pela violência, pelo abandono e por um vazio que as fez procurar nas drogas uma saída.

O objetivo do documentário e da minha pesquisa era entender como as pessoas encontraram na Fazenda uma saída para a dependência química e qual o principal fator que as fazia perseverar na busca por um modo de vida totalmente diferente da que estavam acostumados.

Foi muito interessante essa etapa da produção do documentário, pois pude conhecer realidades de diversas partes do Brasil. Eram pessoas muito diferentes umas das outras, de várias classes sociais e de todas as idades. Encontrei até crianças de 13 anos. O que me chamou a atenção foi que todas elas, apesar de todo o passado difícil que as fizeram chegar até ali, tinham uma facilidade muito grande em contar as coisas que haviam vivido e experimentado.

O fato de estar sozinha nessa etapa da produção, sem nenhum equipamento, apenas com um caderno em que eu anotava o nome e a cidade das pessoas, acabou contribuindo para que fluísse uma conversa muito natural em que eu acabava me envolvendo com as histórias de vida de cada um. E isso foi muito importante, pois pude encontrar nessas pessoas a autenticidade que eu buscava

para o documentário. E, depois, na frente das câmeras, essa autenticidade permaneceu, pois era como se a nossa conversa continuasse ali.

Aqui eu encontrei a razão do meu documentário. Eram essas pessoas com suas experiências de vida que falavam para mim e posteriormente para o espectador o que haviam encontrado na “Fazenda da Esperança”, o que as fazia mudar de vida de uma maneira tão radical.

6. O processo de produção

6.1 Pré-produção

6.1.1 A ideia

O documentário “Fazenda da Esperança” surgiu da necessidade de se fazer um trabalho de conclusão de curso e da minha vontade pessoal de fazer algum produto que contribuísse concretamente com algum setor da sociedade.

A “Fazenda da Esperança” surgiu em Guaratinguetá- SP, minha cidade natal. Desde pequena eu convivi com aquela comunidade, pois meus pais estavam envolvidos como voluntários na organização. Além disso, a comunidade segue uma filosofia de vida baseada no carisma do Movimento dos Focolares, do qual eu participo ativamente.

O Movimento dos Focolares pertence à Igreja Católica e um de seus principais pontos é o ecumenismo. O movimento tem como principal ideal a Unidade e a Fraternidade Universal e uma regra, denominada “regra de ouro”, norteia toda a filosofia do carisma: fazer aos outros o que você gostaria que fosse feito a você e não fazer aos outros o que não gostaria que fosse feito a você.

Ao final do curso de Rádio e TV queria fazer um produto audiovisual para colocar em prática os conhecimentos adquiridos no decorrer da graduação e, não só, queria de alguma forma que isso se tornasse útil para alguém.

O documentário é um gênero pouco explorado no curso de Rádio e TV da Unesp. Produzimos muitas curtas-metragens de ficção e não estamos tão familiarizados com esse gênero de fundamental importância para a nossa formação

acadêmica e profissional. Esse era, portanto, outro desafio a ser superado. Propus-me então a trabalhar com a linguagem documental. Faltava apenas escolher o meu objeto.

Assim me lembrei da “Fazenda da Esperança”, uma organização muito conhecida na minha cidade e de fácil acesso para mim. Por outro lado, vi que a Fazenda já possui vários produtos audiovisuais que contam um pouco a história da comunidade e que divulga os seus centros de reabilitação. No entanto, senti a necessidade de produzir algo mais atrativo, sobretudo para os jovens, pois o trabalho realizado por seus voluntários e funcionários é de fundamental importância para a sociedade.

Desse modo já tinha em mente o que eu queria fazer: um documentário sobre a “Fazenda da Esperança” diferente dos vídeos institucionais que já existiam. Queria contar essa história, que sempre admirei, de uma forma mais atrativa e original. Ao mesmo tempo fazer com que o material fosse usado para estimular a reflexão a esse tema.

6.1.2 O cronograma

No final de 2011 a ideia já estava estruturada, então, montei um cronograma para tentar me organizar e seguir durante o ano de 2012. Era essencial pedir a permissão para gravar o documentário com antecedência, porque seus fundadores estão sempre viajando pelo Brasil e a alguns outros países para abrir novas Fazendas ou visitar as que já existem. Por isso, desde o início do ano, já marquei as gravações com os fundadores Nelson e Frei Hans para o mês de julho, data em que eles estariam livres. Já com os recuperandos, os contatos foram sendo marcados no decorrer do semestre.

Abaixo está o cronograma de todo o projeto.

	Pesquisa Bibilográfica	Produção	Gravação	Edição	Relatório	Defesa da banca
nov/11	X					
dez/11	X					
jan/12	X					
fev/12		X				
mar/12		X				
abr/12		X				
mai/12		X				
jun/12		X				
jul/12			X			
ago/12				X		
set/12				X		
out/12				X		
nov/12					X	X
dez/12						

6.1.3 O roteiro

Quando pensei no documentário eu já tinha uma ideia de estrutura na minha cabeça. Basicamente entrevistaria os fundadores da Fazenda e alguns jovens que se recuperaram há pouco tempo. Entretanto*, queria inserir algum elemento que tornasse as entrevistas mais leves e que fosse a marca do documentário.

Depois de ler alguns livros sobre a Fazenda, verifiquei que alguns fatos ocorridos na trajetória do fundador Nelson Rosendo foram de fundamental importância para tudo o que aconteceu depois. Foram várias as experiências vividas por ele, mas eu percebi um elemento em potencial para ilustrá-las: a bicicleta.

A bicicleta era apenas o meio de locomoção de Nelson para o trabalho e do trabalho para sua casa, no entanto, foi por meio dela que ele estabeleceu um relacionamento de confiança com os jovens da esquina.

Por isso, desde o começo do roteiro, eu já tinha certo o elemento norteador de todo o documentário. Não sabia como seriam as entrevistas, nem a ordem com que eu as encadearia, no entanto, a estrutura da abertura já estava montada na minha

cabeça. Coloquei no primeiro tratamento do roteiro uma sequência de abertura que ilustrava a realidade vivida por Nelson na esquina de Guaratinguetá-SP em 1983. Era basicamente uma sequência de cenas que remetiam às drogas, intercalada com a roda de uma bicicleta em movimento na estrada que Nelson percorria para o trabalho.

Influenciada pelos documentários que se utilizam do recurso da animação, como “Dossie Rê Bordosa”, de César Cabral, e “O Divino, de Repente”, de Fábio Yamaji, resolvi experimentar nessa introdução uma sequência animada por rotoscopia¹⁰. Essa ideia foi amadurecendo e se concretizou por fim no documentário.

Depois de fazer pesquisas nos livros e no acervo de vídeos que a Fazenda possui, comecei a fazer periódicas visitas tanto no centro feminino como no centro masculino, para conhecer um pouco mais a rotina de vida dos recuperandos e entender um pouco melhor a metodologia utilizada por seus responsáveis.

Já havia feito o contato com os dois fundadores da Fazenda e eles estavam de acordo em ceder as entrevistas para mim. Faltava encontrar os jovens que se recuperaram.

Comecei então a pedir referências para os responsáveis de cada casa¹¹ na Fazenda e também para os próprios fundadores de jovens que estariam abertos a compartilhar a experiência de vida deles.

Conversei ao todo com 20 pessoas. Dentre elas, algumas que já se recuperaram e continuaram na Fazenda trabalhando como voluntários e outras que se recuperaram e hoje vivem com suas famílias fora da Fazenda. Além delas, tive contato com jovens que estão no processo de recuperação, no entanto, resolvi não entrevistá-los para não intervir no processo de recuperação natural estabelecido ali dentro. Apesar disso, entrei nas casas, acompanhei o trabalho desenvolvido por eles e as palestras que eles ouviam, bem como de todos aqueles que participaram mais diretamente do documentário.

Nessa fase de conversa, desprovida de câmera e equipe, as pessoas estavam bem à vontade e falaram abertamente sobre tudo. Houve até um momento em que conversei com dois jovens ao mesmo tempo e surgiu até um minidebate sobre o

¹⁰ Técnica de animação em que se desenha por cima do vídeo gravado.

¹¹ Na Fazenda da Esperança os jovens são divididos em casas. Cada uma tem um responsável que acompanha as atividades desenvolvidas ali dentro.

tema drogas. Tudo o que eu queria ali era uma câmera para registrar esse momento. Porém, eu optei por não chegar de surpresa e avisá-los antes do que se tratava aquele trabalho. Para mim, foi uma questão de respeito a eles. Ver se eles não tinham problema em falar sobre um assunto tão delicado que envolve um passado com muito esforço superado. E isso acabou sendo positivo, pois estabeleci uma relação de confiança com eles e criei um pouco mais de intimidade, fatores que contribuíram para o bom andamento das entrevistas futuras.

Tudo isso serviu de base para eu poder me aprofundar ainda mais na realidade vivida ali dentro da “Fazenda da Esperança”.

Pude então fazer uma base de roteiro para me direcionar durante a produção do documentário. O roteiro no documentário é semiaberto, não é possível trabalhar como na ficção. O que se tem é mesmo uma base para direcionar as perguntas e o foco do filme. Baseando-me no formato de argumento do *Doc TV*, primeiramente desenvolvi esse argumento que me deu a base de estrutura para o filme, e só assim desenvolvi os tratamentos do meu roteiro.

Consegui a essa altura definir os meus entrevistados. Fiz o contato com eles e deixei pré-agendados os dias da gravação. Uma semana antes, fui confirmar com cada um e descobri que alguns tinham se mudado para outra Fazenda do Brasil e outros tinham ido embora para suas casas. Eu não tinha condição de ir atrás dessas pessoas. Por isso tive que ir mais uma vez na Fazenda para encontrar outros jovens para entrevistar. Foram os primeiros imprevistos da produção. No fim consegui encontrar pessoas dispostas a falar do passado e da vivência dentro da Fazenda:

1. Nelson Rosendo – Quando jovem resolve olhar para os excluídos da sociedade/ Guaratinguetá- SP/ Fundador da Fazenda da Esperança;
2. Frei Hans Stapel – Franciscano alemão que veio em missão para o Brasil. Tornou-se pároco da igreja N. S. Da Glória, em Guaratinguetá-SP/ Fundador da Fazenda da Esperança;
3. Beto – um dos primeiros que se recuperaram com a ajuda de Nelson e Frei Hans;
4. Antônio – um dos primeiros que se recuperaram com a ajuda de Nelson e Frei Hans;

5. João Paulo – jovem de Ribeirão Preto que se recuperou e hoje trabalha como voluntário;
6. Fernanda – jovem de Salvador que se envolveu com traficantes e procurou ajuda na Fazenda de Guaratinguetá*, em 2010, onde vive hoje como voluntária;
7. Tania – jovem russa que veio para o Brasil especialmente para se recuperar das drogas na fazenda e hoje vive como voluntária;
8. Lindinalva – jovem de Salvador que se recuperou em 2008 e hoje é voluntária na Fazenda;
9. Cristiano - jovem que se recuperou na Fazenda e hoje vive com a sua família na cidade de Guaratinguetá;
10. Carlos Eduardo – jovem que estava no último mês de vivência na Fazenda da Esperança;

Infelizmente, nem todas essas pessoas puderam entrar no filme. A princípio a ideia era fazer um curta-metragem¹² de 15 minutos no máximo. Por ser um tema um pouco pesado, não queria deixar o documentário maçante e cansativo, ainda mais que o público-alvo são os jovens. Por isso tive que cortar muitas falas, e até pessoas entrevistadas.

Durante o processo de edição o documentário tomou uma estrutura bem definida dividida em dois núcleos: o da história da Fazenda da Esperança com os fundadores e os primeiros jovens a se recuperar, e o segundo núcleo com os jovens que recentemente se recuperaram.

Portanto, o roteiro foi um processo de construção desde o começo da ideia até a fase final da edição. O roteiro foi se modificando e se estruturando durante toda a produção. Para fazer a edição, o processo previu uma reestruturação (reescritura) dos roteiros que já havia feito. Não transcrevi essa estrutura final para o papel em forma de roteiro, pois adotei um outro método que falarei um pouco mais adiante no trabalho.

Anexos estão o roteiro literário e o roteiro técnico feitos antes das gravações.

¹² Lei do curta- ANCINE (Agência Nacional do Cinema)

6.1.4 O orçamento

Depois de concebida a ideia e de uma prévia estrutura de roteiro, a primeira coisa que pensei foi no orçamento que eu possuía para a gravação e como faria para arrecadar uma quantia mínima que me ajudasse com os gastos de produção.

Na época não tinha câmera filmadora nem uma ilha de edição, por isso, incluí como custo de produção o aluguel desses equipamentos. Não me preocupei com a iluminação, porque o projeto era filmar todas as entrevistas em lugares externos.

Além disso, precisava de no mínimo mais duas pessoas para me ajudar nos dias da gravação. Queria para tanto uma equipe que tivesse já algum contato com a produção audiovisual. Assim levei para Guaratinguetá duas colegas de Bauru do curso de Rádio e TV.

Além desses gastos calculei os custos da finalização do produto: gravação dos DVDs e impressão das capas.

Outro elemento necessário para a gravação era um equipamento para acoplar a câmera à uma bicicleta para gravar a sequência de abertura do documentário. A alternativa mais barata para tanto foi procurar um serralheiro que fizesse tal equipamento da maneira mais simples e segura possível.

Tendo como base esses elementos, tentei prever mais ou menos o gasto total que teria com a produção do documentário e cheguei a um valor um pouco alto para o meu alcance: R\$ 3030,00. No entanto, esse não foi o orçamento definitivo, porque os dias previstos para a gravação diminuíram e alguns equipamentos que previ alugar acabei conseguindo emprestado, além de ter adquirido um computador mais adequado para a edição e uma câmera digital para a gravação. (Ver anexo, p.).

Os equipamentos utilizados para as gravações foram:

- 2 câmeras CANON T3i;
- 2 tripés;
- 2 microfones de lapela.

6.1.5 A produção executiva

Como a Fazenda da Esperança é uma comunidade muito conhecida na minha cidade, fiz o projeto de produção executiva para Guaratinguetá.

Procurei as empresas que apoiam a Fazenda da Esperança e propus uma parceria com o meu projeto. Ao contribuir com a produção do documentário, essas empresas estariam divulgando seus nomes no filme.

Não foi muito difícil arrecadar a quantia necessária para a produção. Esse processo começou em abril de 2012, portanto, cada empresa teria um tempo para se organizar e colocar no próprio orçamento o valor que estava disposta a contribuir. Precisava arrecadar todo o dinheiro até julho (quando começariam as gravações e os gastos).

No Anexo está o projeto apresentado para cada empresa. Ao todo cinco empresas contribuíram e o valor arrecadado foi o suficiente para a realização do projeto: R\$1200,00.

6.2 Gravação

6.2.1 Equipe

A equipe era uma dificuldade primordial quando pensei no projeto. Como as gravações deveriam ser feitas em Guaratinguetá, uma cidade muito distante de Bauru, 508 Km, seria necessário encontrar pessoas com qualificação na área de audiovisual que se dispusessem a se deslocar e a contribuir com o documentário.

Ao todo estiveram diretamente envolvidas com o documentário apenas seis pessoas, mas foi o suficiente para a realização do vídeo.

Nas gravações eram sempre três pessoas que compunham a equipe. Enquanto eu me preocupava em conversar com o entrevistado, as outras duas pessoas trabalhavam com a câmera. A opção foi trabalhar com duas câmeras para tentar deixar o filme mais dinâmico. Como todos os planos foram feitos com a câmera parada, sem muito movimento, a alternativa foi usar planos diferentes em cada entrevista. Isso facilitou também na hora da montagem do documentário.

6.2.2 Entrevistas

Para as gravações das entrevistas, a intenção era usar um microfone direcional, pois eu não queria que o microfone aparecesse no vídeo. Consegui um *boom*¹³ emprestado, mas ele era do tipo *phantom power*, ou seja, sua fonte de energia era carregada no próprio aparelho a que estava conectado. Como as câmeras utilizadas eram do tipo DSLR, esse sistema de energia não funcionava assim. Com esse imprevisto conseguimos tomar emprestados da empresa de comunicação da própria Fazenda da Esperança microfones de lapela¹⁴. Eles foram a nossa alternativa para as gravações que começariam no dia seguinte de manhã.

Também para as gravações fiz um cronograma para organizar os lugares que eu deveria ir com a equipe e qual dia faria cada entrevista:

¹³ Microfone direcional muito utilizado no cinema.

¹⁴ Microfone que é acoplado à roupa da pessoa.

11/07/12	12/07/12	13/07/12
Manhã:	Manhã	Manhã:
Pegar boom	Tania	
Testar equipamento	Fernanda	Cristiano
Ir ao Sol Nascente	Lídia	Captação Pedrinhas
Tarde:	Simone	Captação C.M
Cena Bicicleta	Captação C.F.	
Captação estrada		
14/07/12	15/07/12	16/07/12
Manhã	Tarde	
Beto	Nelson	
Tarde	Frei Hans	
Antônio	Valdir	
João Paulo		
Bruno		
Wilker		

Para me preparar para as entrevistas, elaborei algumas perguntas que faria para cada um baseando-me nas conversas que tivemos anteriormente. Elas foram, no entanto, apenas uma base para me guiar durante as conversas.

Roteiro de perguntas para as entrevistas:

Nelson:

- Quando muito jovem ainda, você decide se dedicar a ajudar os amigos da esquina. O que o motivou a fazer isso? Qual era o seu objetivo?
- Como foi essa aproximação?
- A sociedade não vê com bons olhos jovens usuários de drogas. Você não sentia um certo receio de se juntar a eles?
- O que exatamente você fazia ali com eles?

- Você pode contar aquela experiência que você fez quando emprestou sua bicicleta a um dos jovens usuários?
- Conte mais experiências que você viveu *no contato com eles.
- O que era mais difícil pra você na sua decisão de doar a vida por essa causa?
- Quando começou de fato a “Fazenda da Esperança”?
- Qual a metodologia usada?
- O que faz o jovem se recuperar aqui na Fazenda?

Frei Hans:

- O que o motivou a dedicar sua vida aos jovens toxicodependentes?
- Como foi o início da Fazenda da Esperança?
- Fale um pouco sobre a espiritualidade, a vida em comunidade e o trabalho na Fazenda.
- Lendo alguns livros e pesquisando um pouco mais sobre a Fazenda, descobri alguns termos como “amar concretamente” e “unidade”. O que eles significam exatamente? Como isso se encaixa na recuperação dos jovens?
- Em sua opinião o que de fato faz o jovem se recuperar do vício das drogas aqui?

Antônio e Beto:

- Quando você era jovem se envolveu com as drogas. O que o levou a buscá-las?
- Vocês se reuniam na “esquina” em Guaratinguetá. Conte um pouco como era essa experiência.
- O que você sentia em relação ao Nelson? Quem era ele pra você?
- O que o atraiu no modo de vida de Nelson?
- O que o levou a deixar as drogas?
- Como um dos primeiros a se recuperar, o que você acha que faz com que os jovens consigam deixar o vício aqui na Fazenda?
- Como você vê hoje esse passado que viveu?

Jovens:

- Como era sua vida antes de começar a usar drogas?
- O que levou você a experimentar e se viciar? Qual droga você usava mais?
- Porque decidiu procurar ajuda aqui na Fazenda?
- Como foi chegar aqui? Quais eram suas maiores dificuldades?
- O que o fez continuar aqui?
- Em sua opinião qual o fator principal que faz o jovem superar as drogas na Fazenda da Esperança?
- Como foi voltar para casa depois de um ano de tratamento?
- Conseguiu voltar a trabalhar? Foi aceito facilmente na sociedade?
- Como você visualiza sua vida antes e depois de vir para Fazenda?
- Quais os seus objetivos daqui pra frente?

No final, mesmo com a presença dos equipamentos e da equipe ao redor dos entrevistados, a conversa fluiu naturalmente sem o uso direto desse prévio roteiro. Em cada entrevista eu encontrava um ponto forte para levar a conversa. O que facilitou também foi a autenticidade de cada personagem. Na Fazenda da Esperança preza-se muito a convivência entre os recuperandos e seus responsáveis. Semanalmente acontecem reuniões em que cada um fala um pouco como tem vivido dentro da fazenda. Eles têm, portanto, uma certa facilidade em se comunicar e contar suas experiências.

6.2.3 Cena da bicicleta

Uma preocupação desde o início era com a cena da bicicleta. O objetivo era gravar a roda de uma bicicleta em movimento e em vários planos. Com a ajuda de um serralheiro planejamos um suporte que, soldado à bicicleta, seguraria a câmera em frente à roda a uma distância capaz de gravar planos diferentes.

Para ilustrar melhor coloco abaixo algumas fotos do planejamento do suporte e dos planos gravados:



6.3 Pós-produção

6.3.1 Montagem

A etapa da edição do documentário foi a que definiu a estrutura final do vídeo. Eu tinha gravado mais ou menos dez horas de material bruto. Como mencionado anteriormente, o objetivo era produzir um curta-metragem de no máximo 15 minutos.

Para iniciar esse processo, fiz uma espécie de decupagem de todo o material. Assisti vídeo por vídeo e fui anotando o que continha cada arquivo e inserindo a minutagem. Ao colocar tudo isso no papel e identificar cada entrevista, pude fazer um esboço de estrutura para montar o documentário. Assim foi mais fácil visualizar o

que poderia ser cortado, o que deveria permanecer e o que se encaixava melhor. Tratou-se de um processo em que foi necessária uma grande imersão, valorizar o processo criativo que só foi possível mediante a análise e reanálise de todo o material, reescrever o roteiro antes da edição propriamente dita e encontrar a narratividade, o ritmo, a emoção, os encadeamentos e transições, etapas essas que nem sempre foram realizadas em uma sequência lógica; muitas foram concomitantes, outras, fragmentadas.

Desse modo, fui construindo uma narrativa que deu um ritmo para toda a história. Ela ficou nitidamente dividida em três núcleos: a história do fundamento da Fazenda da Esperança, os jovens recém recuperados contando suas experiências e os três pilares fundamentais no tratamento dos toxicodependentes.



Ao organizar toda essa estrutura, percebi que era necessário um elemento que dividisse de alguma forma esses níveis narrativos para deixar mais claro para o espectador essa diferença. A alternativa encontrada foi inserir a bicicleta (da abertura do documentário), que acabou se tornando um elemento essencial nessas transições.

Isso acabou enriquecendo a história e tornando o documentário mais leve, em minha avaliação. Por esse motivo, consegui me desapegar da ideia de fazer um curta-metragem (pela Lei do Curta, brasileira, a duração para esse formato é de até 15min) e alcancei o tempo total final do vídeo em 27 minutos (média-metragem).

6.3.2 A animação

Como comentado anteriormente, eu havia decidido fazer a abertura do documentário em forma de animação. Foi uma opção para diferenciar o vídeo, ilustrar a temática do filme - “drogas” – por meio de ícones correlacionados, e atingir o público-alvo do documentário: os jovens.

A sequência seria basicamente a intercalação de flashes de imagens que remetem ao uso da droga com as cenas da bicicleta. Para a sequência das imagens das drogas, tomei como referência o filme “Requiem for a Dream”¹⁵. O filme, entre outras coisas, fala sobre o vício da droga e contém várias cenas abstratas de fumaça, comprimidos e seringas. Juntei a essas imagens outras que encontrei na internet e montei uma sequência com esses elementos.

Para a animação, contei com a ajuda de um estudante de design da Unesp, Rodrigo Seles. Junto com ele cheguei à conclusão de que a técnica mais adequada para o documentário seria a rotoscopia e, assim, levamos adiante a proposta.

A rotoscopia é uma técnica de animação em que se utiliza como referência o vídeo, considerado um modelo vivo. Dessa forma, cada *frame* filmado serve para desenhar o movimento do que será animado.

Abaixo seguem alguns exemplos do trabalho desenvolvido:



¹⁵Requiem for a Dream é um filme de 2000 dirigido por Darren Aronofsky.

6.3.3 Trilha sonora

Foram usadas no documentário duas músicas. A princípio queria fazer uma parceria com alguma banda para compor toda a trilha do vídeo. No entanto, descobri uma música da banda “O Teatro Mágico” que se encaixava muito bem com a temática do documentário.

A música “ Além, porém aqui” faz parte do último CD da banda “Sociedade do Espetáculo”. E faz referência à mudança, à dor, à superação e ao perdão. Segue a letra da música:

Além, porém aqui – O Teatro Mágico¹⁶

Mudaram o modo de temer

De ceder e saturar!

Da descabida dor (desregrada euforia)... Discordar!

Anuncia teu dissabor!

Renuncia ao paladar!

Dissecando a flor

Dissertando que "o viver é não pensar!"

Aturando o tom

De vil alegoria

Maturando o bom!

Se acontecendo!

Acorda coragem em si!

Acolhe a verdade

Acode a saudade e se alcança... Além!

Mudaram o modo de querer

De perder e perdoar!

¹⁶ Letra da música tirada do website Terra: <http://letras.mus.br/o-teatro-magico/1961170/>

Do descabido ardor (desregrada alegria)... se infestar!
Anuncia teu dissabor!
Renuncia ao paladar!
Dissecando a flor
Dissertando "o que viver é não pensar!"
Aturando o tom
De vil alegoria
Maturando o bom!
Se acontecendo!
Acorda coragem em si!
Acolhe a verdade
Acode a saudade e se alcança... Além!
Semear o amor!

Para usar a música, no entanto, precisava pedir autorização para a banda. Fiz um contato com a assessoria de imprensa por telefone e posteriormente via e-mail. Não foi algo muito complicado, visto que se tratava de um trabalho acadêmico, sem fins lucrativos. Logo foi concedida a autorização para o uso da música.

A segunda música utilizada na trilha do documentário é apenas instrumental. Eu a encontrei em uma página na internet chamada *Freeplay Music*. O site disponibiliza um acervo enorme de músicas grátis para download. Assim encontrei a música "Hard Knocks"*, que transmitia a emoção que eu precisava para o documentário.

7. Considerações finais

Os meios de comunicação em geral têm a capacidade de informar e transmitir informações para toda uma sociedade. Eles podem mobilizar grupos para uma determinada causa e, se usados de maneira eficaz, têm o poder até de transformar uma determinada realidade.

O documentário é um gênero do audiovisual que se caracteriza pelo seu compromisso com a verdade/realidade e cabe ao seu realizador guiar o olhar do espectador apontando um determinado fato, acontecimento ou realidade às vezes desconhecida.

Por mais que o tema do documentário *Fazenda da Esperança* tenha sido “drogas e suas consequências”, esse não foi o elemento principal do filme. Além de atentar para uma realidade problemática na sociedade que é a droga, o objetivo do documentário foi mostrar uma história, aliás, pouco conhecida pela grande mídia, que teve como fruto a transformação de vida de milhares de pessoas, além de prestar, ainda hoje, um serviço de utilidade pública.

O documentário pode se utilizar de diversas ferramentas para transmitir sua mensagem e são muitas as classificações dadas a eles, variando de autor para autor. Não é possível nem correto enquadrar cada documentário de acordo com apenas uma classificação, pois eles podem conter características de determinados modos de fazer e nem sempre há uma “pureza” estilística e estética. No documentário “Fazenda da Esperança”, por exemplo, partindo da classificação de Fernão Pessoa Ramos, podemos localizá-lo na categoria de ética imparcial pelo fato de eu não me revelar durante as entrevistas, nem intervir de forma muito direta na condução das entrevistas. Por outro lado, podemos observar a presença da ética interativa/ reflexiva na medida em que na montagem eu pude direcionar de certa forma a condução do filme – e mesmo nos momentos da tomada.

Já partindo para a classificação segundo Bill Nichols, o documentário “Fazenda da Esperança” pode ser enquadrado no modo observativo pelo fato de se olhar de fora para uma realidade concreta sem maiores intervenções. No entanto, existem

muitos elementos próprios do modo participativo: entrevistas, ausência de narração, imagens de arquivo etc.

A animação é originariamente utilizada em filmes de ficção com o objetivo de entreter o telespectador, mas ela tem sido usada para outros objetivos. No caso do documentário, esse recurso foi essencial para a transmissão da mensagem final, na medida em que ilustrou as histórias contadas nas entrevistas, tornando o filme mais leve e interessante principalmente para o seu público-alvo: adolescentes e jovens.

Portanto, o documentário, assim como todos os outros gêneros e formatos de comunicação, tem um potencial muito grande de formar e educar pessoas, ainda que não considere o resultado final do documentário “Fazenda da Esperança” como um gênero educacional e científico, tradicional nos anos 20 em vários países e anteriormente aos anos 60 no Brasil. Se usado de maneira adequada, ele pode contribuir com o Estado atuando junto dele na resolução de certos problemas da sociedade.

A linguagem documental sempre me interessou enquanto objeto de estudo e pesquisa, mas foi produzindo esse produto audiovisual que eu pude entender realmente como se desenvolve todo o processo de criação técnica e de enfrentamento humano diante de uma determinada realidade.

É notória a diferença do meu primeiro contato com as pessoas da Fazenda da Esperança para os contatos que fiz mais adiante no final da produção.

Muito mais do que aprender sobre os aspectos técnicos da produção audiovisual, que no caso do documentário é diferente dos filmes ficcionais, eu pude me envolver diretamente com as pessoas e conhecer uma realidade diferente daquela a que eu estava habituada.

8. Referências Bibliográficas

ALTAFINI, Thiago. Cinema Documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem. Biblioteca online de ciências da comunicação. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/>> Acesso em 25 mai. 2012

ARAÚJO, Mauro Luciano. A espessura da imagem no documentário: a imagem e a ideologia. Biblioteca online de ciências da comunicação. <<http://www.bocc.ubi.pt/>>.

Acesso em: 25 mai. 2012

GRYZAGORIDIS, E. A Fazenda da Esperança e a reabilitação de jovens dependentes químicos: reinventando o gênero de vida rural. Disponível em:

<<http://www.fazenda.org.br>> Acesso em: 25 out. 2012.

LIMA, R. B. A terapia do amor proposta por João Paulo II para o crescimento moral de pessoas em dificuldades: uma resposta à recuperação de usuários de drogas no Brasil. Disponível em: <<http://www.fazenda.org.br>> Acesso em 25 out. 2012.

MORALES, Wagner. Preto contra o branco. Disponível em:

< <http://www.agencia.ufpb.br/doctv/Manual.pdf> > Acesso em: 09 jun. 2012

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário; tradução Mônica Saddy Martins. – Campinas, SP: Papirus, 2005.

PUCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção. Campinas, SP: Papirus, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal o que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac, 2008.

REIS, Eduardo H. A. A pessoa é para o que nasce: Caminho entrelaçado entre documentário e jornalismo narrativo. Biblioteca online de ciências da comunicação. <<http://www.bocc.ubi.pt/>> Acesso em 25 mai. 2012.

SANTOS, César Alberto. Já aconteceu...e se espalhou. Guaratinguetá: Retorno à vida, 2010.

SCHMIDT, Ivana. A ilusão das drogas - um estudo sobre a maconha, LSD e antetammas. São Paulo, SP: Casa publicadora brasileira, 1979.

TEIXEIRA, Christiane Suplicy. Tabebuias. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2001.

OLIVEIRA, Luiz Carlos. Porque voltei às drogas? Bauru, SP: Editora EDUSC, 1997

Sites:

Centro Brasileiro de Informações sobre drogas. Disponível em: <<http://www.cebrid.epm.br/index.php>> Acesso em: 20 out. 2012

DOC TV. Disponível em: <<http://www3.tvcultura.com.br/doctv/sobre>> Acesso em: 30 out. 2012

Levantamento sobre drogas no Brasil. Disponível em: <http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento_brasil/parte_1.pdf> Acesso em: 20 out. 2012

Oficina para formatação de projetos. Disponível em: <<http://www.agencia.ufpb.br/doctv/Manual.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2012

9. Anexos:

Anexo 1: Projeto Executivo

Anexo 2: Roteiro Técnico

Anexo 3: Roteiro Literário

Anexo 4: Orçamento prévio

Anexo 5: Orçamento Final

Anexo 1 - Projeto Executivo
PROJETO DOCUMENTÁRIO
RÁDIO E TV - UNESP - BAURU





Apresentação

O documentário “Fazenda da Esperança” é um trabalho de conclusão de curso. A linguagem documental é pouco explorada no curso de rádio e TV da UNESP. Priorizam-se muito as produções de curtas-metragens voltadas para a ficção em cinema e televisão. Por isso proponho-me a me aprofundar nessa área da comunicação: para suprir uma defasagem na minha formação acadêmica.

O propósito do estudo é também produzir um conteúdo audiovisual que saia do âmbito universitário e de festivais para tentar contribuir de alguma forma com a entidade.

A “Fazenda da Esperança” é uma comunidade que atua com trabalhos em diversos campos sociais, mas o principal é a recuperação de jovens dependentes químicos. O que me atraiu na comunidade é a forma como é desenvolvido o trabalho. Os jovens se recuperam por meio da convivência em comunidade e da prática do amor recíproco.

A divulgação desse trabalho é necessária, pois muitas famílias sofrem com o problema do alcoolismo e da droga. Dessa forma, o documentário pode ser usado pela própria “Fazenda da Esperança” como meio de divulgação de seu serviço.

Sinopse

O documentário abordará um pouco da história de como tudo começou. Todo o esforço e trabalho de seus fundadores para que a comunidade fosse formada. Paralelamente a isso, ouviremos as experiências das pessoas que se recuperaram e que conseguiram mudar de vida por meio da “Fazenda da esperança”.

Público Alvo e Divulgação

A dependência química é um problema presente não só na realidade dos jovens, mas em todas as faixas etárias e gêneros.

O documentário pretende chegar não só aos jovens afetados, mas também em todas as pessoas que de alguma forma lidam com esse problema: pais, irmãos, família.

De qualquer maneira, tendo em vista que o jovem tem como característica a energia e a força para possíveis mudanças, o projeto será direcionado para ele, pois muito mais do que a recuperação da dependência química, a história da “Fazenda da Esperança” fala sobre a possibilidade de grandes mudanças a partir de pequenas atitudes.



Cotas de Oferecimento

As cotas de oferecimento vão acima de R\$200,00. Serão expostas três cotas por tela (antes do início do vídeo) com a duração de 8 segundos. O nome e o telefone do estabelecimento serão veiculados nos créditos finais. Além disso, o logo do estabelecimento também será inserido na contracapa do DVD.



Cotas de Patrocínio

As cotas de patrocínio vão de R\$100,00 a R\$200,00. Serão expostas seis cotas por tela (antes do início do vídeo) com a duração de 5 segundos. O nome e o telefone do estabelecimento serão veiculados nos créditos finais.



Apoio Cultural

A colaboração pelo apoio cultural será equivalente a doações e/ou empréstimos de móveis, objetos de decoração, de iluminação (lâmpadas especiais para iluminação do cenário), roupas para o figurino, alimentação (a ser utilizada durante as gravações), maquiagem, fitas mini-dv, transporte, entre outros.

Contato

Patrícia Fassa(12) 3133 1402

(12) 8141 2794

(14) 81257479

patifassa@gmail.com



Anexo 2- Roteiro Técnico:

DOCUMENTÁRIO FAZENDA DA ESPERANÇA
Patricia Fassa Evangelista

CENA 1- EXTERNA- DIA- ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

(plano próximo)

PÉ DE UM CICLISTA SOBE NA BICICLETA E COMEÇA A PEDALAR.

CENA 2- INTERNA- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

(Close up)

SEQUENCIA INTERCALADA DE IMAGENS DE DROGAS E/OU SÍMBOLOS
QUE REMETAM AO USO DE DROGAS.

CENA 3- EXTERNA- DIA ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

(plano próximo)

A RODA DE UMA BICICLETA GIRA NO DECORRER DE UMA ESTRADA.

CENA 4- INTERNA- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

(close up)

SEQUENCIA INTERCALADA DE IMAGENS DE DROGAS E/OU SÍMBOLOS
QUE REMETAM AO USO DE DROGAS.

CENA 5- EXTERNA- DIA- ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

(plano próximo)

A RODA DE UMA BICICLETA GIRA NO DECORRER DE UMA ESTRADA.
AGORA É POSSÍVEL VISUALIZAR UMA PARTE MAIOR DA BICICLETA E
DOS PÉS DO CICLISTA.

OFF DE NELSON FALANDO DE SUA
EXPERIÊNCIA COM A BICICLETA.

CENA 6- INTERNA- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

(close up)

SEQUENCIA INTERCALADA DE IMAGENS DE DROGAS E/OU SÍMBOLOS
QUE REMETAM AO USO DE DROGAS.

OFF DE NELSON FALANDO DE SUA
EXPERIÊNCIA COM A BICICLETA.

CENA 7- EXTERNA- ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

(plano próximo)

O CICLISTA PÁRA A BICICLETA.

CENA 8- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

ABERTURA DO DOCUMENTÁRIO: "FAZENDA DA ESPERANÇA" (OU OUTRO
NOME DEFINIDO)

CENA 9- EXTERNA- DIA

(plano médio)

NELSON COMEÇA A CONTAR COMO SE DEU
A SUA INICIATIVA PARA A FORMAÇÃO
DA FAZENDA DA ESPERANÇA

CENA 10- EXTERNA- DIA

(close up)

TANIA FALA DE COMO COMEÇOU A USAR
DROGAS

CENA 11- EXTERNA- DIA

(plano médio)
NELSON FALA DE SUA EXPERIÊNCIA

CENA 12- EXTERNA- DIA

(plano detalhe)
MÃOS DE FERNANDO QUE CONTA COMO
COMEÇOU A USAR DROGAS.

(close up)
FERNANDO CONTINUA SUA EXPERIÊNCIA

CENA 13- EXTERNA- DIA

(plano próximo)
FERNANDA TAMBÉM CONTA COMO COMEÇOU
A USAR DROGAS.

CENA 14- EXTERNA- DIA

(plano médio)
FREI HANS RELATA SUA EXPERIÊNCIA
NO COMEÇO DA FAZENDA ESPERANÇA.

CENA 15- EXTERNA-DIA

(plano próximo)
LÍDIA CONTA COMO COMEÇOU A USAR
DROGAS.

CENA 16- EXTERNA- DIA

(plano médio)

PERCORREMOS A ESTRADA QUE LEVA À FAZENDA EM GUARATINGUETÁ.
NELSON CONTINUA FALANDO DE SUA
EXPERIÊNCIA

(plano médio)

NELSON

CENA 17- EXTERNA- DIA

(plano próximo)

TANIA FALA DE SUA EXPERIÊNCIA NA
FAZENDA

CENA 18- EXTERNA- DIA

(plano médio)

FERNANDO FALA DE SUA EXPERIÊNCIA
NA FAZENDA

CENA 19- EXTERNA- DIA

(plano médio)

LÍDIA FALA DE SUA EXPERIÊNCIA NA
FAZENDA

CENA 20- EXTERNA- DIA

(plano médio)

FERNANDA FALA SE DUA EXPERIÊNCIA
NA FAZENDA

CENA 21- EXTERNA- DIA

(plano próximo)

FREI HANS EXPLICA O QUE FAZ A
RECUPERAÇÃO DOS JOVENS NA FAZENDA

CENA 22- EXTERNA- DIA

(plano próximo)
NELSON FALA SOBRE A FAZENDA

CENA 23- EXTERNA- DIA

(close up)
OLHOS DE LIDIA.ELA CONTA COMO ESTÁ
SUA VIDA DEPOIS DE RECUPERADA

(plano próximo)
LIDIA CONTA SUA EXPERIÊNCIA

CENA 24- EXTERNA- DIA

(close up)
TANIA CONTA COMO ESTÁ SUA VIDA
DEPOIS DA RECUPERAÇÃO

(plano médio)
TANIA CONTA SUA EXPERIÊNCIA

CENA 25- EXTERNA- DIA

(plano médio)
FERNANDO CONTA COMO ESTÁ SUA VIDA
DEPOIS DA RECUPERAÇÃO

CENA 26- EXTERNA- DIA

(plano geral)

CAMINHO RUMO À FAZENDA. NATUREZA. IMAGENS DE ALGUNS
ELEMENTOS PRESENTES NA FAZENDA: MOINHO, RODA D'ÁGUA, ETC.
UM DOS PERSONAGENS FALANDO SOBRE A
FAZENDA

CENA 27- EXTERNA- DIA

(plano próximo)

CADA PERSONAGEM APARECE EM PRIMEIRO PLANO.

CENA 28- EXTERNA- DIA- ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

(close up)

RODA DA BICICLETA VOLTA A RODAR

FADE OUT (BRANCO)

FIM.

Anexo 3 - Roteiro Literário

DOCUMENTÁRIO FAZENDA DA ESPERANÇA - ROTEIRO LITERÁRIO
Patricia Fassa Evangelista

1. SEQUÊNCIA 1: INTRODUÇÃO E ABERTURA DO DOCUMENTÁRIO

CENA 1- EXTERNA/ESTRADA DAS PEDRINHAS - DIA-
ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

VISUALIZAMOS OS PÉS DE UM CICLISTA QUE SOBE NA BICICLETA E
COMEÇA A PEDALAR.

CENA 2- INTERNA- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

SEQUENCIA INTERCALADA DE IMAGENS DE DROGAS E/OU SÍMBOLOS
QUE REMETAM AO USO DE DROGAS.

CENA 3- EXTERNA/ESTRADA DAS PEDRINHAS- DIA- ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

A RODA DE UMA BICICLETA GIRA NO DECORRER DE UMA ESTRADA.

CENA 4- INTERNA- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

SEQUENCIA INTERCALADA DE IMAGENS DE DROGAS E/OU SÍMBOLOS
QUE REMETAM AO USO DE DROGAS.

CENA 5- EXTERNA/ESTRADA DAS PEDRINHAS - DIA- ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

CAMERA SUBJETIVA. VEMOS O CAMINHO QUE O PERSONAGEM PERCORRE
SOB A BICICLETA.

NELSON (OFF)
NELSON FALA DE SUA EXPERIÊNCIA COM
A BICICLETA.

CENA 6- INTERNA- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

SEQUENCIA INTERCALADA DE IMAGENS DE DROGAS E/OU SÍMBOLOS
QUE REMETAM AO USO DE DROGAS.

NELSON (OFF)

NELSON FALA DE SUA EXPERIÊNCIA COM
A BICICLETA.

CENA 7- EXTERNA/ESTRADA DAS PEDRINHAS -
ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

RODA DA BICICLETA NA ESTRADA. O CICLISTA PÁRA A BICICLETA.

CENA 8- ANIMAÇÃO (ILUSTRAÇÃO)

ABERTURA DO DOCUMENTÁRIO: "FAZENDA DA ESPERANÇA" (OU OUTRO
NOME DEFINIDO)

2. SEQUENCIA 2: ENTREVISTAS- COMO COMEÇOU

CENA 1- INT. ESCRITÓRIO DE ANTONIO- DIA

ANTONIO
EXPLICA O EPISÓDIO DA BICICLETA NA
ESQUINA

CENA 2- INT. ESCRITÓRIO DE BETO - DIA

BETO
EXPLICA O EPISÓDIO DA BICICLETA.

CENA 3-EXT. FRENTE DA CASA DE NELSON- DIA

NELSON
CONTA O QUE O LEVOU A SE APROXIMAR
DAQUELES JOVENS, O QUE FAZIA COM
ELES NA ESQUINA

CENA 4- INT. ESCRITÓRIO DE ANTONIO- DIA

ANTONIO
CONTA O QUE ELE E OS JOVENS DA
ESQUINA PENSAVAM EM RELAÇÃO A
NELSON.

CENA 5- EXT./ ESQUINA - DIA

ANTONIO (OFF)
CONTINUAÇÃO: CONTA COMO COMEÇOU A
USAR DROGAS.

CENA 6- INT. ESCRITÓRIO DE BETO- DIA

BETO
Beto conta porque se envolveu com
as drogas e como Nelson o ajudou
naquela época.

CENA 7- EXT. FRENTE DA CASA DE NELSON - DIA

NELSON
Conta outros episódios que viveu
ali no meio daqueles jovens e
porque resolveu procurar Frei
Hans para ajudá-lo.

CENA 8- INT. CAPELA DO CENTRO MASCULINO -DIA

FREI HANS (OFF)
Fala porque se interessou pelos
jovens que usavam drogas e porque
resolveu ajudá-los.

CENA 9- EXT. FRENTE DA CAPELA DO CENTRO MASCULINO - DIA

FREI HANS
Conta como foi o início da Fazenda
da Esperança.

3. SEQUENCIA 3: ENTREVISTAS - RECUPERAÇÃO

CENA 1- EXT. CENTRO FEMININO - DIA

TANIA
Fala como vivia antes de se
envolver com as drogas. Como
começou a usar.

CENA 2- EXT. PEDRINHAS - DIA

FERNANDO

Fala como vivia antes de se envolver com as drogas. Como era sua vida e como começou o vício.

CENA 3- EXT. CENTRO FEMININO- DIA

FERNANDA

Conta como era sua vida antes de se envolver com traficantes. Porque se aproximou deles.

CENA 4- EXT. FRENTE DA CASA DE NELSON- DIA

NELSON

Conta quando começou de fato a Fazenda e o que se fazia ali com os primeiros jovens.

CENA 5- EXT. FRENTE DA CAPELA CENTRO MASCULINO - DIA

FREI HANS

Fala sobre a espiritualidade, da vida em comunidade e do trabalho como forma de recuperação dos jovens.

CENA 6- EXT. CENTRO FEMININO - DIA

FERNANDA

Conta quando resolveu procurar ajuda.

CENA 7- EXT. PEDRINHAS - DIA

FERNANDO

Explica a raiva que tinha do pai, e todo o sofrimento que viveu. Como resolveu procurar ajuda.

CENA 8- EXT. FRENTE DA CASA DE NELSON- DIA

NELSON

Fala da metodologia usada na
recuperação dos jovens dependentes
químicos.

CENA 9- EXT. CENTRO FEMININO - DIA

LIDIA

Fala de como chegou à Fazenda e
como eram os seus primeiros dias.

CENA 10- EXT. CENTRO FEMININO - DIA

TANIA

Fala de como resolveu procurar
ajuda, e como chegou na Fazenda da
Esperança.

CENA 11- EXT. CENTRO FEMININO- DIA

FERNANDA

Conta como foi se confrontar com
um estilo de vida totalmente
diferente. Quais eram as
dificuldades, se teve vontade de
desistir.

CENA 12- EXT. PEDRINHAS- DIA

FERNANDO

Fala de suas dificuldade de
permanecer na Fazenda convivendo
com pessoas muito diferentes.

CENA 13- EXT. FRENTE DA CAPELA CENTRO MASCULINO

FREI HANS

Explica melhor alguns termos
usados como "amar concretamente" e
"unidade" e como eles se encaixam
na recuperação dos jovens.

CENA 14- EXT. FRENTE DA CASA DE NELSON

NELSON

Explica os termos e a metodologia usada na comunidade e como ele vive isso em sua função na Fazenda.

CENA 15- EXT. PEDRINHAS- DIA

FERNANDO

Conta o que encontrou na Fazenda, o que o fez mudar. Quais experiências que ele viveu dentro da comunidade.

CENA 16- EXT. CENTRO FEMININO- DIA

LIDIA

Explica o que de fato ajudou em sua recuperação.

CENA 17- EXT. TANIA- DIA

TANIA

Fala de sua recuperação na fazenda. E como foi sair da comunidade e voltar à sua realidade.

CENA 18- EXT. CENTRO FEMININO- DIA

FERNANDA

Fala o que a atrai na Fazenda e quais os fatores mais importantes em sua recuperação. Como foi sair da comunidade e se inserir de novo em sua realidade.

4. SEQUENCIA 4- ENTREVISTAS FUTURO

CENA 1- EXT. FRENTE DA CAPELA CENTRO MASCULINO- DIA

FREI HANS

O que ele sente em relação à obra que criou.

CENA 2- EXT. CENTRO FEMININO - DIA

LIDIA
Quais são seus objetivos daqui pra frente.

CENA 3- EXT.CENTRO FEMININO- DIA

FERNANDA
Quais são seus objetivos daqui pra frente.

CENA 4- EXT. PEDRINHAS- DIA

FERNANDO
Quais são seus objetivos daqui pra frente.

CENA 5- INT. ESCRITÓRIO ANTONIO - DIA

ANTONIO
Como vê a Fazenda hoje e como vê sua vida antes e depois da recuperação.

CENA 6- INT. ESCRITÓRIO BETO- DIA

BETO
Como vê a Fazenda hoje e como vê sua vida antes e depois da recuperação.

CENA 7- EXT. CENTRO FEMININO- DIA

TANIA
Como vê sua vida antes e depois da recuperação. Quais são seus objetivos daqui pra frente.

CENA 8- EXT. FRENTE DA CASA DE NELSON- DIA

NELSON

Como vê a obra que criou. Como é a sua vida antes e depois da Fazenda da Esperança.

CENA 9- EXT. ESTRADA DAS PEDRINHAS- DIA

Bicicleta volta a girar pela estrada.

NELSON (OFF)

Continuação: Como vê a obra que criou. Como é a sua vida antes e depois da Fazenda da Esperança.

5. SEQUENCIA 5: ENCERRAMENTO

CENA 1- EXT. DIVERSOS LUGARES- DIA

Cada personagem aparece em primeiro plano e suas imagens se alternam com as imagens da roda da bicicleta que segue girando.

CENA 2- EXTERNA- DIA- ANIMAÇÃO (ROTOSCOPIA)

Roda da bicileta continua a rodar e aos poucos se funde com a imagem do moinho de vento. Aos poucos visualizamos que o moinho se encontra dentro da fazenda da Esperança.

FADE OUT (BRANCO)

FIM.

Anexo 4 – Orçamento prévio

item	vcto	fornecedor	descrição	obs	qt	unitário (R\$)	total (R\$)	
Título :		Orçamento prévio de produção						
Diretor:		Patricia Fassa						
1		Transportes						
		Reunidas	Passagem Bauru- Guará		4	119,00	476,00	
		Reunidas	Passagem Guará- Bauru		4	110,00	440,00	
2		Equipamentos						
			Gravador (priscila)	diária	8	70,00	560,00	
			tripé para câmera	diária	8	40,00	320,00	
			Câmera com lente	diária	8	150,00	1.200,00	
			Gravação da trilha em estúdio	diária	1			
3		Distribuição						
			DVDs		10	0,90	9,00	
			Capinhas		10	1,00	10,00	
			Impressão da arte		10	1,50	15,00	
						TOTAL:	R\$ 3.030,00	

Anexo 5 – Orçamento final

forneecedor	descrição	obs	qt	unitário (R\$)	total (R\$)
Título : Orçamento Definitivo					
Diretor: Patricia Fassa					
Transportes					
Pássaro Marrom	Passagem Santo André- Guará		1	60,00	60,00
Pássaro Marrom	Passagem Guará- Santo André		1	60,00	60,00
Cometa					
Cometa	Passagem Campinas- Guará		1	70,00	70,00
Cometa	Passagem Guará- Campinas		1	70,00	70,00
Equipamentos					
	Suporte para bicicleta	compra	1	60,00	60,00
	Camera Canon t3i	compra	1	2.500,00	Não inclui no orçamento
	MacBook pró	compra	1	3.999,00	Não inclui no orçamento
	Tripés	emprestado	2	0,00	0,00
	Microfone de lapela	emprestado	2	0,00	0,00
Distribuição					
	DVDs		30	2,00	60,00
	Capinhas		30	0,90	27,00
	Impressão da arte		30	3,00	90,00
Animação					
	Animação Rotoscopia		1	50,00	50,00
					547,00

